

MULHER-AMA E MULHER-MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DE UMA PERSONAGEM AUTO(HETERO)BIOGRÁFICA

ELIANE SILVA GONÇALVES¹;
MARIA HELENA MENNA BARRETO ABRAHÃO²

¹ Universidade Federal de Pelotas - [helloelianegoncalves@gmail.com](mailto:heloelianegoncalves@gmail.com)

² Universidade Federal de Pelotas - abrahamhmb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta é uma reflexão que opera tendo como fonte narrativas auto(hetero)biográficas (ABRAHÃO, 2023), impulsionada pela necessidade de (auto)trans-formação docente, no propósito de explorar horizontes de estudos da ética do cuidado, cultura escrita e da linguagem, expandindo a compreensão do mundo a partir do convite inicial endereçando a pergunta “e se continuássemos a escrever?” à mulheres-trabalhadoras com repertório em escrita reflexiva e performatividade no exercício de memória narrativa sobre si e sobre o trabalho em um processo vivenciado em circuito narrativo. Para tanto, diz respeito à (auto)biografização assim como à hetero biografização, em que se constroem narrativas auto(hetero)biográficas que resultam dos fatos narrados reflexivamente pela personagem e acolhida com escuta atenta por quem ouve mediante o paradigma de pesquisa sujeito-sujeito pela palavra escrita. Essas narrativas são reconfiguradas em novas e múltiplas possibilidades interpretativas que se relacionam com perspectivas teórico-referenciais urdidas em diferentes espaço e tempos vivenciais de cada um (ABRAHÃO, 2023) inspirados em diferentes métodos: Ateliê Biográfico de Projeto (Delory-Momberger, 2008); Seminário de Pesquisa-formação (Josso, 2007); Grupos Reflexivos (Passeggi, 2011). A ama de leite ou mulher-ama, como personagem auto(hetero)gráfica representando o “seio negro da sociedade branca”, emergindo novas teorizações sobre as desigualdades raciais e de classe que historicamente permeiam o trabalho de cuidar. Essa dinâmica expõe uma divisão injusta sexual do trabalho, exploração, precarização e estratificação social que associa o cuidado a mulheres negras em condições de exploração e marginalização, criando vínculos familiares que, muitas vezes, são marcados por sofrimento psíquico e exclusão. A interseção entre educação e sociedade se torna urgente, demandando uma análise crítica sobre as disparidades que permeiam as estruturas, onde corpos biográficos estão profundamente marcados com as práticas de (des)cuidado, perpetuando hierarquias sociais e excluindo certos grupos de direitos fundamentais. Concordando com Josso (2007), a partir da narração das histórias de vida em trabalhos de pesquisa ou mesmo de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) possibilita compreender as mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. Ainda segundo a mesma autora essa invenção de si no singular plural tem portanto um custo que nós nem sempre estamos preparados para pagar, assim,

sem um trabalho especificamente centrado nas tomadas de consciência de nossas ideias, nossas crenças, nossas convicções, etc., para as quais o trabalho biográfico sobre as histórias narradas de formação é um dos caminhos possíveis, continuaríamos aprisionados em destinos socioculturais e sócio-históricos, assim, a invenção de si no singular plural implica então vigilância, vontade e perseverança para que sejamos seres vivos em transformação e não seres vivos em prorrogação (JOSSO, 2007).

2. METODOLOGIA

A base bibliográfica para o aprofundamento dos temas relacionados à escrita de si, auto(hetero)biografização no contexto da teoria das interseccionalidades se fundamentaram em Abrahão (2023) sobre como inscrever a personagem na qualidade de agente da ação na dialética, segundo Ricoeur (2014). De acordo com essa perspectiva, as afirmações "eu reconheço" e "eu sou reconhecido" não se desconectam da identidade narrativa, uma vez que as "conquistas do reconhecimento, atestação de si, não podem ser perdidas, ainda menos abolidas pela passagem para o estágio do reconhecimento mútuo" (ABRAHÃO, 2023).

Ao relacionar auto(hetero)biografias sob as interseccionalidades em histórias de vida de mulheres, este anteprojeto pretende reconhecer a complexidade das interações entre diversas dimensões de identidade, como gênero, raça, classe social, orientação sexual, entre outras e permitir uma compreensão mais profunda das experiências e trajetórias de vida dos sujeitos, nas interações entre diferentes sistemas de opressão e privilégio que as narrativas (auto)biográficas refletem e são moldadas, o que significa considerar não apenas as experiências individuais, mas também os contextos sociais, políticos e históricos que influenciam as vivências dos sujeitos. Interseccionalidades emergentes da narrativa de vida convidam a pensar de forma crítica sobre as desigualdades pelas perguntas: Quais vozes são privilegiadas? Quais são marginalizadas? Como podemos ampliar a diversidade de vozes representadas nas pesquisas (auto)biográficas? Portanto, ao debater com as interseccionalidades, podemos enriquecer nossa compreensão do movimento (auto)biográfico brasileiro, considerando suas múltiplas facetas e explorando suas potencialidades para o aprimoramento da pesquisa em Educação. Como suporte em investigações com pesquisa-ação-formação, narrar e refletir sobre a vida (existencial, profissional, espiritual...) encontra justificativa em seu potencial heurístico e hermenêutico, promovendo epifanias sobre o ser e o fazer profissional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apoiando-se em uma perspectiva que vai além do positivismo, a abordagem à produção de informações transcende a visão estática das histórias de vida meramente representada documentos fixos do passado. Ao invés disso, enfatiza-se a importância de reconstruir o processo de como esses documentos são elaborados, reconhecendo também o contexto presente em que são narrados. Isso implica considerar não apenas o momento retratado na história, mas também o momento da sua enunciação. Além disso, essa metodologia supera a visão interacionista, que enfoca principalmente a dinâmica da interação entre pesquisadora e a participante na produção dos relatos, assim, a crítica está

em deixar de lado o contexto mais amplo das relações sócio político-culturais e econômicas que moldam tanto as narrativas quanto às interações em si. É essencial emergir o contexto no qual as histórias de vida adquirem significado como uma abordagem mais adequada que poderia integrar elementos interpretativos e contextualizados, reconhecendo tanto o processo de produção das narrativas de vida quanto o contexto sociopolítico mais amplo em que são elaboradas. Isso permitiria uma compreensão abrangente das narrativas individuais, situando-as dentro de um quadro mais amplo de influências e significados (ABRAHÃO, 2007).

Considerando as reflexões de Christine Delory-Momberger (2008) sobre o espaço do biográfico, que não se limita apenas às narrativas de vida, é importante ressaltar que o discurso autobiográfico está enraizado em uma atitude mais fundamental do ser humano, que consiste em configurar narrativamente a sucessão temporal de sua experiência. A busca por esse movimento (auto)biográfico visa recuperar a ausência do sujeito empírico, focalizando sua experiência e privilegiando o sujeito epistêmico, abstrato e objetivo. Nesse contexto, a resistência da pesquisa científica positivista à palavra de grupos marginalizados, como crianças, mulheres, transexuais, pessoas do campo, das ruas, das favelas e da floresta, é explicada pela preferência pelos padrões de racionalidade do adulto, do sexo masculino, branco e letrado. Esses grupos são categorizados como tendo "deficiências" em função de critérios positivistas e coloniais, que desqualificam a legitimidade de suas experiências e modos de expressão. Portanto, é essencial refletir sobre essas questões, considerando como os padrões estabelecidos pela pesquisa científica tradicional podem reproduzir e perpetuar desigualdades e opressões. A abordagem (auto)biográfica oferece uma oportunidade de valorizar e ampliar as vozes marginalizadas, reconhecendo a importância da diversidade de experiências e perspectivas na produção de conhecimento.

4. CONCLUSÕES

Na hermenêutica em investigar processos de construção da ética de si por meio de narrativas da experiência, enfocando a ética dialógica e a sensibilidade na interação entre narrador e ouvinte. Utilizando referências como Abrahão (2007, 2023) Passegi (2017) Delory-Momberger (2006), Josso (2007), se torna possível uma escrita segundo ensaio ético de acolhimento biográfico e reflexão a partir do gesto de escrever sobre si e narrar sentimentos sobre os temas do trabalho dentro dos determinantes sociais de identidade de gênero, raça e classe em que narrativas autobiográficas são interpretadas e (re)configuradas por diferentes perspectivas, culminando na construção de personagens auto(hetero)biográficas.

Essa investigação sensível tem pertinências interdisciplinares e saberes biográficos para o desenvolvimento de metodologias sutis, afetivas e (po)éticas de cuidado, formação continuada e pesquisa, promovendo uma compreensão mais profunda da vida narrada e sua influência nos processos de auto(hetero)subjetivação. Da (re)construção crítica e reflexiva da narrativa emergiram as personagens auto(hetero)gráficas mulher-ama e mulher-memória como uma ferramenta fundamental para compreender as singularidades reveladas com/a partir de suas identidades e suas experiências. Contudo, as violências institucionais, parecem perpetuar relações de poder que oprimem, impedindo que a educação se torne um espaço libertador.

Em vez de acolher a diversidade de histórias de vida, sentimentos e condição biográfica dos sujeitos, a educação tende a reproduzir padrões que não dão lugar à complexidade humana, marginalizando suas vulnerabilidades. Esse cenário faz emergir a urgência de uma reflexão crítica sobre como as múltiplas camadas psicossociais são negligenciadas em instituições que deveriam promover a emancipação. Por outro lado, o sentido de memória de vidas, sentimentos e as experiências de cada pessoa, não somente não deveriam ser ignoradas, como deveriam ser atribuídas de maior valor e capital cultural e simbólico pela educação. Torna-se, portanto, um manifesto que pede por cuidado e acolhimento da condição biográfica de cada sujeito, desde a educação infantil até a pós-graduação. Esse acolhimento deve englobar o corpo, a condição social e todas as interseções de vulnerabilidade que moldam a vida.

Passar por essa reflexão nos demanda também a escrita como prática crítica e transformadora, permitindo que as histórias de vida ganhem espaço, visibilidade e reconhecimento nos processos de ensino e aprendizagem. Através da escrita é possível reconectar-se em uma narrativa coletivo-biográfica, de agentes de sua própria história, em um movimento que desafia as instituições a serem verdadeiramente inclusivas e emancipadoras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Biografização/heterobiografização: elaboração memorialística de uma personagem auto(hetero)biográfica em formação docente. **Linhas Críticas**, 29, e47664, 2023. <https://doi.org/10.26512/lc29202347664>. Acesso em: 14/04/2023.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Profissionalização docente e identidade – a invenção de si**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 163-185, out. 2007

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto**. In: Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 32, n. 02 mai/ago, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez., 2007

PASSEGGI, Maria da Conceição; Souza, Elizeu Clementino. **O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional**. Investigación Cualitativa, 2(1) p. 6-26, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, 34(2). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/8697>, 2011

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A ética na pesquisa com narrativas de vida em educação**. In: 2020